

# Brasil sai da defensiva em direitos humanos

Londres - O governo brasileiro resolveu mudar a estratégia de tratamento com as organizações internacionais de Direitos Humanos. Ao invés de entrar nas reuniões na defensiva, respondendo às críticas das ONGs, desta vez o secretário Nacional de Direitos Humanos, José Gregori, saiu para o ataque. Durante uma reunião com representantes de dez entidades ontem em Londres, Gregori cobrou uma atitude mais ativa diante da crise financeira internacional e lançou uma proposta de realização de um seminário internacional para discutir as consequências sociais da crise.

"Nos últimos 45 dias o Brasil vem sofrendo violentos ataques especulativos e as ONGs não se manifestaram sobre os efeitos que isso pode ter nos programas sociais do Governo", afirmou Gregori após a reunião. O secretário quer o engajamento das entidades para que seja realizado em Londres, ainda neste semestre, um seminário para se discutir proposta para evitar ou minimizar os efeitos da instabilidade do sistema financeiro internacional nos países em desenvolvimento. "Não dá para deixar o assunto nas mãos dos economistas. A sociedade civil que se preocupa com questões de direitos humanos precisa participar dessa discussão", disse Gregori.

Há quatro anos, desde que assumiu a coordenação do programa de direitos humanos do atual governo, Gregori vem mantendo contatos regulares com organizações internacionais, encontrando-se com seus representantes pessoalmente uma vez por ano em Londres. Para a reunião desta semana, Gregori havia solicitado às ONGs que apresentassem seus questionamentos com antecedência e por escrito. No encontro, o secretário respondeu a todas as questões e forneceu as cópias impressas das respostas.

JORNAL DE  
BRASÍLIA

Apesar de José Gregori não ter conseguido convencer a todos, alguns representantes chegaram a fazer uma *mea culpa*. Nicola Fenton, da ChildHope, reconheceu a falta de ação das ONGs, comportamento que ele classificou de "silêncio estrondoso". Estavam presentes também representantes da Anistia Internacional, Oxfam, Anti-Slavery, Action Aid e Christian Aid, entre outros. As maiores preocupações das ONGs, tais quais expressas nas perguntas, estavam relacionadas, entre outras coisas, com o sistema penitenciário, prostituição infantil, violência rural e urbana, impunidade e corrupção policial.

Gregori não quis adiantar que tipo de proposta ele tem a sugerir para reformar o sistema financeiro internacional de modo a se levar em consideração preocupações sociais. Mas, ele citou como exemplo de propostas que poderão ser levantadas no seminário uma idéia antiga do ex-presidente da França, François Mitterrand, de cobrança de impostos para controlar o fluxo de capitais na entrada e na saída e que poderiam ser repassados para um fundo internacional de eliminação de pobreza. A idéia do secretário é que a reunião seja coordenada pelas Nações Unidas e que conte com a participação das ONGs internacionais e também de representantes dos países mais afetados por crises financeiras - como os do sudeste asiático, Rússia, México e Brasil.

Em relação aos efeitos imediatos da crise no Brasil, Gregori afirmou que a prometida incrementação orçamentária a programas como os de direitos humanos e de combate às drogas não irá acontecer. No entanto, ele disse que deverão ser mantidos os níveis orçamentários de 98.

MARIANA BARBOSA  
Correspondente